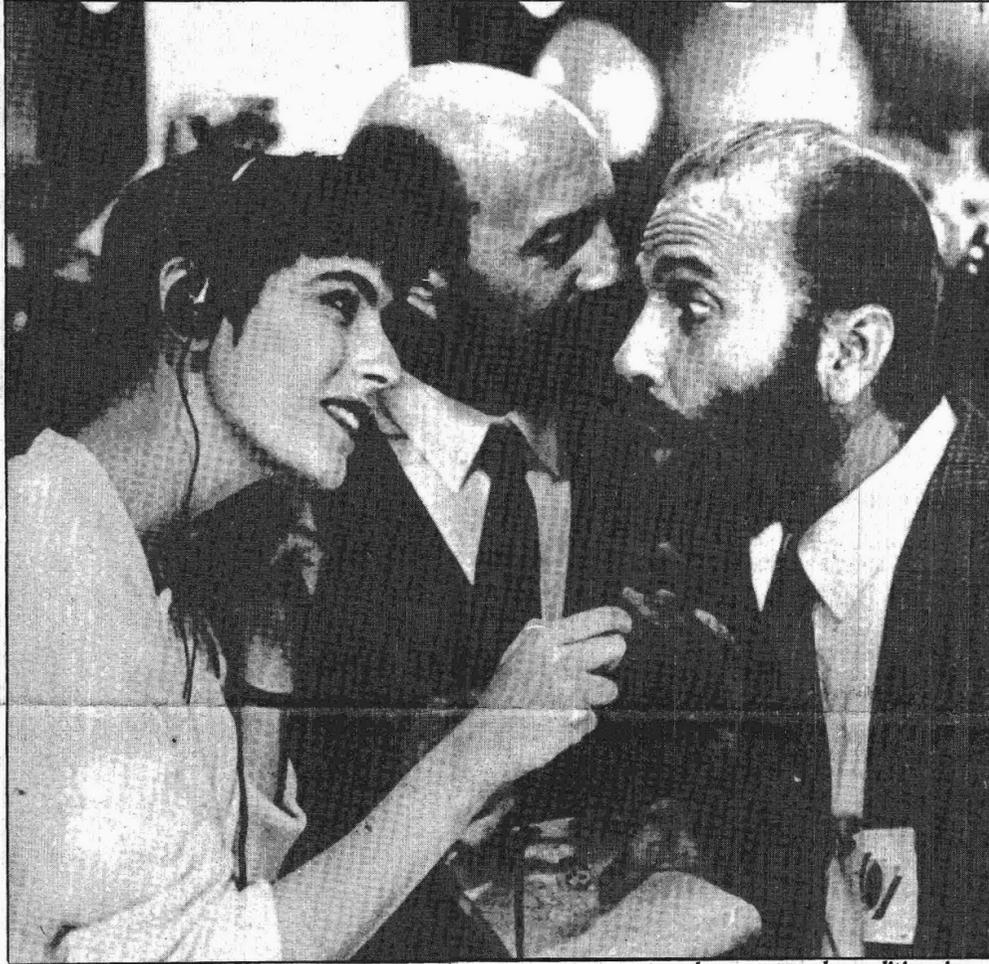


A política e a politicagem

DOCUMENTÁRIO SOBRE A LUTA METALÚRGICA E UMA CHANCHADA ELEITORAL NA NOITE QUE ABRE A COMPETIÇÃO



ABC da Greve documenta o nascimento de lideranças como a de Lula (aqui em fev. de 80)



Sua Excelência o Candidato põe na tela todos os tramos para se chegar ao poder político

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

A história da emergência do operariado moderno no País será anunciada, hoje, pelas primeiras imagens que iluminarão a tela do Cine Brasília, palco do XXIV Festival de Cinema. É que, às 20h00, em caráter *hors-concours*, será exibido o documentário *ABC da Greve*, de Leon Hirszman (1937-1987). Trata-se de obra póstuma do cineasta que, na véspera de sua morte, brincava com os amigos: "Sou mesmo um homem marcado. Nasci judeu, tornei-me comunista e agora morro vítima da Aids (doença que contraíra numa transfusão de sangue)".

Hirszman é um dos pilares do Cinema Novo. Iniciou-se nos tempos do CPC da UNE, realizando o engajadíssimo *Pedreira de São Diogo* (parte do longa *Cinco Vezes Favela*). Depois, fez *A Falecida*, denso e trágico mergulho no universo *nelsonrodrigiano*; *Garota de Ipanema*; *São Bernardo*; *Eles Não Usam Black-Tie* e *Imagens da Inconsciente*. Este último filme, um documentário de quase três horas de duração, promove raro mergulho no universo simbólico dos internos do Engenho de Dentro, assistidos pela Dra. Nise da Silveira.

Morreu sem concluir *ABC da Greve*, iniciado em 1979, ano em que espoucavam no ABC paulista as paralisações que trouxeram os metalúrgicos para a linha de frente do cenário político brasileiro. As greves que revelaram Luís Inácio da Silva, o Lula, dez anos depois candidato (o segundo mais votado) à Presidência da República.

Parceiro — A conclusão de *ABC da Greve* teve em Adrian Cooper, seu fotógrafo e montador, uma peça-chave. Ele estava em Portugal, em 1987, trabalhando na direção de arte de *O Judeu*, de Jom Tob Azulay, quando recebeu telefonema de Car-

los Augusto Calil, então diretor-geral da Embrafilme. Calil lhe dava a notícia da morte de Hirszman e o convocava a concluir o inacabado *ABC da Greve*. "Consternado", relembra Cooper, "aceitei a missão". Só que verificaram-se mudanças na Embrafilme e Calil afastou-se da empresa. Faltaram, então, recursos para levar o projeto adiante".

O fotógrafo e montador Adrian Cooper, um inglês de 45 anos, radicado no Brasil desde 1975, retrabalhou 60% das 25 horas filmadas no ABC paulista. "Infelizmente", diz ele, "40% do material filmado desapareceram misteriosamente. Nos 10 anos em que os negativos rodaram de um lado para outro, muita coisa sumiu do mapa. Nossas investigações não nos levaram a nenhum porto seguro".

Vila Euclides — E o que contém *ABC da Greve*? Cooper responde: "Contém imagens das greves deflagradas pelos metalúrgicos em 1979. Espoucava uma greve e nós íamos, de câmera em punho, documentá-la". O afã repórter do cineasta e sua pequena equipe fez com que as grandes assembleias do Estádio de Vila Euclides, em São Bernardo (o B do ABC), se tornassem o centro das filmagens. "Lá", lembra Cooper, "definíamos o roteiro do dia seguinte. Quando o sufoco se configurou e os espaços do Poder Público foram fechados, os metalúrgicos passaram a se reunir em igrejas e pelas ruas. Íamos, então, para estes lugares".

"A grande greve do ABC", rememora o fotógrafo, "aconteceu nas vésperas da posse de Figueiredo (substituto do presidente Geisel, na Presidência da República). Tal fato jogou a greve num clima de muita tensão".

"Do meio dos metalúrgicos", pondera o parceiro de Hirszman, "surgiam muitas lideranças: Lula, Alemão, Marclio, do Sindicato de Santo André". O filme mostra estes e outros personagens, mas "os maiores espaços cabem a Lula, que presidia o Sindicato de São Bernardo". Como a produção de *ABC da Greve* não tinha recursos para estar em todos os lugares, acabou recorrendo aos arquivos das emissoras de TV para mostrar Lula deixando a sede do Sindicato, que sofrera intervenção do

Ministério do Trabalho.

Um dos momentos mais emocionantes do filme, segundo Adrian Cooper, registra o Primeiro de Maio de 79. "Vários artistas (entre eles Elis Regina, Macalé e João Bosco) foram cantar no *Showmício do Trabalhador*. O Estádio de Vila Euclides estava abarrotado. A Campanha pela Anistia vivia seus momentos mais importantes".

Comunista — Leon Hirszman nunca escondeu sua simpatia pelo *Partidão* (o velho PCB). Quando foi para o ABC paulista, levou intenção clara: colher material para atualizar *Eles Não Usam Black-Tie*, peça do amigo e companheiro político Gianfrancesco Guarnieri. Com a munição oferecida pelas greves do ABC, ele atualizou (em parceria com Guarnieri) a peça escrita em 1959. Resultado: em 1982 ganhou, em Veneza, quatro Leões de Ouro. Daí, ele encomendou ao amigo e também correligionário político Ferreira Gullar o texto e a locução do ABC.

Cooper, autor de um média-metragem totalmente silencioso (*Chapeleiros*, 1985), pertence a uma geração que prefere o *cinema calado* ao *cinema falado*, tão cultuado pela engajada geração *cinemanovista* (a de Hirszman).

Aos fãs do cineasta, Cooper avisa: "Respeitamos seu projeto. Não alteramos em nada a essência do que ele realizou". E cita dois momentos que saem do campo sindical estrito, para mergulhar no universo do operário brasileiro. "A câmera visita uma favela, orientada por um padre. O religioso acaba sendo o narrador da sequência". Outro momento, "o empresário Reski, presidente da Associação de Pequenas e Médias Empresas, leva a equipe a uma favela, a um bairro da classe média e a um bairro chique. E garante que cada morador se adapta naturalmente à sua moradia, seja um barraco ou uma mansão. Mostra, ao final, que ele habita o bairro de classe alta, pagando reduzido aluguel".

□ **ABC DA GREVE** — Direção: Leon Hirszman. Fotografia: Adrian Cooper. Montagem: Adrian Cooper. Música Original: Paulinho da Viola — Produção: Cláudio Khans, Ivan Novais e Carlos Augusto Caill.

CARMEM MORETZSOHN

Orlando Carvalho Lopes é um candidato que pode ser muitos ao mesmo tempo. Afinal, ele é o representante de uma corrente política muito comum em terras brasileiras. Integrante de uma família poderosa, descendente de políticos que têm por tradição a honestidade, é o pré-candidato ideal para seu partido. Mesmo que ele nunca tenha pensado nisso. Mas, para conseguir tornar-se o protótipo da figura de liderança que o País precisa, ele tem que vencer na convenção de seu partido para poder, depois, jogar alto para ganhar as eleições. É aí que a coisa começa a enrolar e as situações mais cômicas se apresentam. Assim começa a trama do filme *Sua Excelência o Candidato*, longa-metragem que abre a Mostra Competitiva do 24º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, às 20h30, no Cine Brasília.

Sua Excelência o Candidato marca a estréia de Ricardo Pinto e Silva como diretor de longa-metragem. Ele assume a direção, depois de ter participado como assistente de alguns dos mais premiados filmes nacionais dos últimos tempos: *Doida Demais*, *O Homem da Capa Preta* (ambos de Sérgio Rezende), *A Dama do Cine Shanghai* e *Flor do Desejo* (de Guilherme de Almeida Prado), *O País dos Tenentes* (João Batista Andrade) e *Além da Paixão* (Bruno Barreto). Já chega também com um prêmio para o curta-metragem *Adultério*, que conquistou o Festival Internacional de Aveiro, em Portugal, 1988.

Ricardo Pinto e Silva acredita que o cinema nacional precisa se reaproximar do público e da sociedade e, neste sentido, a comédia é o caminho mais brando. Graduado em 1983 pela ECA — USP, desde 1989 tem colaborado com a Renato Aragão Produções Artísticas, onde exerce as funções de assistente de direção e colaborador no roteiro de *Os Trapações na Terra dos Monstros*, assinada por Flávio Migliaccio. Foi ainda produtor executivo de *Uma Escola Atrapalhada*, de Antonio Rangel, que foi lançado no verão passado.

Logo que se graduou em Cinema pela ECA, Ricardo Pinto e Silva uniu-se a Caíto Junqueira e criaram a Za-

bumba Cinema e Vídeo, responsável pela produção de *Sua Excelência o Candidato*. Os dois pretendem seguir uma linha que oferece ao cinema brasileiro a oportunidade de se ligar mais ao lado comercial dos projetos, como explica Caíto: "O cinema nacional precisa de diversão e não de ficar forçando o público a sair de cabeça quente de tanto pensar. Mas que haja uma comunicação mais direta, uma tentativa de ser mais comercial".

Para a estréia da dupla — diretor e produtor — foi preciso uma pesquisa de mercado no sentido da escolha certa da trama a ser abordada. Tanto Ricardo quanto Caíto se apaixonaram pela comédia *Jogo de Cintura*, que estava em cartaz no TBC — Teatro Brasileiro de Comédia —, a partir de textos de outra dupla: Marcos Caruso e Jandira Martini (aquela que interpretou Vitória Imperial na novela *Ana Raio & Zé Trovão*, da TV Manchete). O contato com os autores foi feito, mas eles acabaram convencendo Ricardo e Caíto a filmarem outro texto de sua autoria — *Sua Excelência o Candidato* —, mais atual e popular do que o outro.

A montagem de *Sua Excelência o Candidato* já foi apresentada em Brasília no ano passado, depois de fazer longa temporada no Rio de Janeiro e em São Paulo, ficando quatro anos em cartaz. Do elenco original da peça

foram mantidos os atores Renato Consorte e Eurico Martins, respectivamente o chefeão e o mordomo gay da casa. Ambos mantendo os papéis que interpretavam no palco. Já o papel-título, antes em mãos de um dos autores, Marcos Caruso, passou para um dos maiores nomes do teatro brasileiro: Renato Borghi (que veio a Brasília recentemente com a peça *Os Pequenos Burgueses*). A seu lado, outro mestre no assunto, Cláudio Mamberti (ambos competindo ao prêmio de melhor ator), seguido por Lucinha Lins e um elenco que inclui ainda Iara Jamra, Giovanna Gold, Ken Kaneco, além da participação especial de Supla.

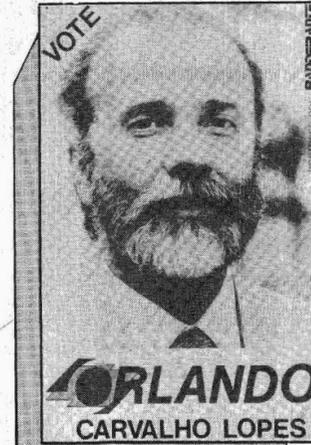
A empreitada seguida para a realização do longa-metragem marcou a reativação do cinema paulista logo após o Plano Collor. A Zabumba Cinema e Vídeo resolveu transportar a ação da peça para a linguagem cinematográfica com um orçamento baixo — 400 mil dólares — que foi extrapolado em 250 mil, custo totalmente bancado pela produção, contando apenas com o auxílio dos Laboratórios Líder.

A adaptação para o cinema pediu apenas algumas modificações. Por exemplo, o índio Macsuará Kadiew foi chamado a interpretar um papel especialmente criado para a versão cinematográfica, o do pré-candidato rival a Orlando (Renato Borghi), o personagem-título. Outros fatos que apenas eram citados na peça — como o show de transformismo estrelado pelo mordomo numa boate — ganharam espaço de destaque na fita. No entanto o filme mantém o clima de deboche e farsa. A fotografia é assinada por Carlos Reichenbach, diretor de *A Ilha Proibida*, *Anjos do Arrabalde*, *Filme Demência* e *As Libertinas*. Sua participação na fita, como diretor de fotografia, garante, de antemão, a qualidade das imagens.

□ **SUA EXCELÊNCIA O CANDIDATO** — Direção: Ricardo Pinto e Silva. Produção: Zabumba Cinema e Vídeo, Caíto Junqueira e Mariza Leão. Elenco: Renato Borghi, Lucinha Lins, Cláudio Mamberti, Iara Jamra, Renato Consorte, Giovanna Gold, Ken Kaneco, Supla e Eurico Martins. Roteiro: Jandira Martini, Marcos Caruso, Ricardo Pinto e Silva e Caíto Junqueira. Direção de arte: Luiz Fernando Pereira. Música: Jota Moraes. Direção de fotografia: Carlos Reichenbach.



Festival de
BRASÍLIA



Borghi no santinho eleitoral